

Resenha

FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. 2ª ed. Florianópolis: UFSC; Itajaí: UNIVALI, 2005. 533p.

Janine Gomes da Silva*

A leitura de “*Memórias de uma (outra) guerra*” é, do início ao fim, um convite a pensar em sensibilidades... Nas sensibilidades de quem vivenciou a história narrada e na sensibilidade da autora em tratar com tanta seriedade e carinho um tema, na maioria das vezes, extremamente doloroso. Originalmente uma tese de doutorado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, em 2002, a obra “*Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*”, foi lançada em 2004; e já no ano seguinte, teve a sua segunda edição, demonstrando o quanto foi bem aceita não só pelos profissionais da área da história, mas, também, por todas/os aquelas/es que se interessam pelas histórias “daquele tempo”. Interesse que pode ser demonstrado, também, pelo prêmio “Lucas Alexandre Boiteux – História”, concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGB/SC) à autora em 2005.

Ao mencionar que se tratar de um trabalho tangenciado por sensibilidades¹, penso que as palavras

¹ Saliente-se que não desejo “enquadrar” o referido trabalho na perspectiva da história das sensibilidades, que já vem se consolidando na área da história, mas apontar que, assim como esta possibilidade de análise, a autora aproxima-se das observações de Frédérique Langue ao mencionar que “Uma nova perspectiva para uma nova história política derivada das ‘sensibilidades’ como abordagem tanto coletiva como individual dos acontecimentos que conformam a vida cotidiana em seus diferentes matizes”. LANGUE, Frédérique. O sussuro do tempo: ensaios sobre uma história cruzada da sensibilidade Brasil-França. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (Orgs). *História e sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 24.

* Janine Gomes da Silva, Doutora em História pela UFSC, professora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE e historiadora do Arquivo Histórico de Joinville – AHJ.

da autora, sobre os sentidos das narrativas que ouviu, explicitam um pouco o tom de respeito com que a mesma trata histórias permeadas por tantos (re)sentimentos. Diz Marlene: “Os sentidos me vieram das narrativas, sentimentos humanos que me fizeram escrever uma história seguindo a escuta, caçando rastros, significando detalhes” (p. 20). Ou seja, a obra tematiza o cotidiano da Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina – fala das redes políticas, das novas leis nacionalizadoras, dos silenciamentos relacionados à língua, aponta o cenário político, econômico e social – mas, principalmente, fala de uma “outra guerra”. Aquela, vivenciada cotidianamente por homens e mulheres que, mesmo distante do *front*, tiveram suas vidas mexidas por acontecimentos tão profundos: foram parar em campos de concentração, tiveram que entregar seus rádios ou, ainda, como lembrou uma das entrevistadas da historiadora, o ano de 1942, o tempo da entrada do Brasil na Segunda Guerra, é o tempo do nascimento de seu primeiro filho.

São histórias repletas de medo, o medo do outro, da delação, de não poder mais falar “em alemão” ou “em italiano”, porque Getúlio proibiu. Dito assim, pode até parecer um acontecimento banal. Mas não foi! Não poder se expressar na língua em que estavam acostumados, por serem imigrantes ou descendentes de alemães ou italianos, foi, possivelmente, um dos fatos mais marcantes para inúmeros moradores das cidades catarinenses. Esta realidade passou a fazer parte do cotidiano do Estado, principalmente a partir das chamadas leis nacionalizadoras,² impostas pelo governo autoritário de Getúlio Vargas e, no estado de Santa Catarina, levadas a efeito principalmente pelo interventor Nereu Ramos. A guerra estava longe, mas também estava perto. E, assim, viajando com seus depoentes, Marlene de Fáveri nos conduz ao *front*, aos campos de concentração de Florianópolis (Penitenciária Agrícola da Trindade) e de Joinville (presídio político Oscar Schneider) e pelas mais

² Dos diferentes Decretos-leis, criados já a partir de março de 1938, destaca-se, especialmente, o Decreto-lei n. 868, de 18/11/1938, que ao criar, no Ministério da Educação e Saúde, a Comissão Nacional de Ensino Primário, buscava organizar uma ampla nacionalização do ensino primário, incluindo “todos os núcleos de população de origem estrangeira”, e com isso acabava reprimindo práticas culturais destas populações. LEX. Coletânea de Legislação. Legislação Federal e Marginalia. São Paulo:LEX, ano II, 1938.

variadas cidades do Estado de Santa Catarina, buscando incessantemente compreender aquele enredo, as representações que se operaram aqui e os feitos simbólicos que tanta repressão gerou. A delação foi, possivelmente, a forma mais corriqueira de se vingar do outro. E sentir medo de ser delatado, mesmo que “sem culpa”, simplesmente por ser descendente de imigrantes e não ter aprendido bem a falar a língua portuguesa, deve ter sido uma das sensações mais profundas vivenciadas por várias pessoas. E Marlene foi lá, passeou por diferentes lugares, problematizou o medo, apontando que, dependendo do lugar social ou grupo étnico, o medo é rememorado de forma diferente, ou seja, conta-nos que também o medo – que aparenta ser apenas um sentimento – é uma significativa forma de experiência social (p. 55). Experiências marcadas por violências, físicas e simbólicas que, utilizando uma expressão recorrente para a autora, estão presentes nas memórias e fazem parte das “franjas do cotidiano”. É neste cotidiano que o medo aparece com toda a sua intensidade, e, assim, amparada num vasto referencial teórico e, neste sentido, em Delumeau³, a narrativa da historiadora discute, ao mesmo tempo, o silenciamento destas histórias na historiografia local. E a forma como as estratégias governamentais interferiram na produção de sujeitos.

Nos tempos de Getúlio Vargas aconteceu a Guerra e para muitos ele é lembrado como o “pai dos pobres e dos trabalhadores”, mas, para outros, foi “no seu tempo” que os “alemães” e “italianos”, mesmo que nascidos no Brasil, tiveram que “tomar óleo cru” quando presos e torturados. Foi neste tempo, também, que deles – dos imigrantes – cobravam-se, incessantemente, provas de patriotismo. O medo de parar em campo de concentração ou em outros lugares de confinamento, muitas vezes improvisados para receber presos detidos por motivos de segurança nacional, permeia toda a narrativa da obra.

³ DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lúcia Machado e Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Nos seis capítulos, a autora descortina outras várias histórias. Tematiza o medo, o patriotismo, a brasilidade, a questão da língua e a segurança nacional, as delações, intrigas, mas também fala da igreja, do estado e da imprensa. São muitas páginas de história; às vezes, ao lermos, sentimos angústia, os olhos ficaram marejados: afinal, todas as entrevistas são bem citadas e percebemos que a ética, tão necessária à metodologia da história oral, foi um amparo ao trabalho de pesquisa. Mas não só os fatos pululam nesta história de Marlene de Fáveri. Sem descuidar dos conceitos e nem da historicidade do tema, o referido livro é uma obra que, certamente, veio preencher uma lacuna na historiografia catarinense, pois vários personagens, de diferentes cidades, classes sociais, origens étnicas e religiosidade se fazem presentes nesta história de “outra guerra”. Entretanto, para além das entrevistas orais, as fontes históricas utilizadas são riquíssimas e diversificadas (como a imprensa, fotografias, correspondências e ofícios), merecendo um destaque especial os Processos-Crime do Tribunal de Segurança Nacional que foram analisados. Fontes estas que possibilitam, com mais detalhes, compreender o que a autora chama de criminalização da fala, pois, “nas franjas desta ‘outra’ guerra, muitas pessoas foram parar nas delegacias e no Tribunal de Segurança Nacional” (p. 128). Posteriormente, com o fim da guerra, jogos de poder fizeram-se presentes, com o intuito de que desavenças fossem “esquecidas” para garantir os rearranjos políticos no espaço público.

E as mulheres, como vivenciaram esta “outra” guerra? Suas histórias também estão presentes na análise da historiadora, pois a Guerra também reforçou estereótipos e papéis sexuais e sociais normativos. As mulheres participaram das mais variadas ações, “tomaram as rédeas da vida quando da ausência dos homens, driblaram, escreveram cartas e pediram pela soltura delas ou dos maridos, negociaram, fizeram mudanças...” (p. 271). Todavia, convém destacar que,

para quem conhece o percurso da historiadora e sua proximidade com os estudos de gênero, possivelmente ficou uma sensação de que a perspectiva de gênero poderia estar mais evidenciada. Mas a poética de Marlene revela, sim, inúmeras vivências femininas e, neste sentido, é também uma contribuição aos estudos de gênero, pois, como ela mesma afirma, ao se referir à construção cultural dos gêneros nos anos de 1940, “estavam se constituindo como sujeitos e afirmando papéis”(p. 24).